

Para o mercado, retomada demora de 3 a 6 meses

A volta do investimento estrangeiro vai ocorrer quando for restabelecida a confiança no País

A volta do investimento estrangeiro vai ocorrer quando for reestabelecida a confiança no País. Essa é a avaliação de consultores e especialistas de mercado consultados pelo **Estado**. Eles apostam na retomada efetiva dos investimentos dentro de três a seis meses.

O sócio-diretor da Oryx Asset Management, Antônio Costa, diz que é verdade que o investimento em bolsa ficou mais barato para o estrangeiro, mas isso não significa enxurrada de negócios no curto prazo. "A quantidade de dólares necessária para comprar uma empresa ou uma mesma quantidade de ações diminuiu, mas a volta do investidor externo só vai ocorrer quando, ao longo do tempo, for res-

tabelecida a confiança no País." Ele calcula que o volume será muito bom quando a confiança for recuperada.

Para o coordenador do Programa de Administração do Varejo (Provar) da Universidade de São Paulo (USP), Claudio Felisoni, a senha para a volta dos estrangeiros é a recuperação da credibilidade da economia brasileira.

Para o presidente da Economática, Fernando Exel, é errada a concepção de que as empresas brasileiras viraram uma pechincha aos olhos dos investidores estrangeiros por causa da desvalorização cambial. "O bom negócio é avaliado não apenas pelo preço de compra, mas pela capacidade de obter lucro ou não", observa. A desvalorização, explica, também diminui o lucro em dólares.

A possibilidade de um ano de recessão, explica Costa, não afasta o investidor com projeto de 15 anos no País. "O investidor não vem porque

o câmbio desvalorizou; ele toma uma decisão de longo prazo, considerando o potencial do mercado, o número de consumidores", diz. Mesmo para quem investe em bolsa, pondera, o custo baixo de aquisição de ações pode compensar o lucro menor ou mesmo um eventual prejuízo no primeiro ano de distribuição de resultados.

O maior atrativo dos investimentos para o País é enorme mercado consumidor, avalia Felisoni. Uma pista desse enorme potencial foi a explosão de consumo registrada no primeiro ano do Plano Real.

Para o diretor de Asset Management do Lloyds Bank, Flávio Conde, os setores com maior recepção de investimentos serão infra-estrutura, exportadores, alimentos e têxtil.

No varejo, os segmentos mais suscetíveis a fusões e aquisições serão o de supermercados, artigos de vestuário e materiais de construção, destaca o diretor da Mixxer Desenvolvimento Empresarial, Eugenio Foganolho.

O consultor diz que, na pior das hipóteses, a perspectiva desses segmentos é acompanhar o crescimento populacional, pois atendem a necessidades básicas.

Segundo Foganolho, depois dos supermercados e das lojas de material de construção, o segmento de vestuário será a "bola

da vez" para entrada do capital estrangeiro. Nesse segmento, explica, o mercado é muito pulverizado e as três principais empresas detêm menos de 5% das vendas. Isso aumenta o apetite de grandes investidores estrangeiros, animados com a perspec-

tiva de abrir lojas próprias.

"O interesse do investidor estrangeiro vai melhorar na medida em que o Brasil conseguir estabilizar o câmbio e melhorar sua equação macroeconômica", pondera Conde, explicando que essa melhoria passa por sinais de equilíbrio das contas públicas.

Ele estima que a volta do investidor externo pode ocorrer já no segundo trimestre, "seja porque as empresas, os terrenos e as ações estão mais baratas em dólar, seja porque o risco de converter dólares em reais diminui". A desvalorização da moeda, observa, vai melhorar os resultados da balança comercial em três meses, permitindo que a quantidade de dólares que vai entrar pelas exportações seja superior ao volume que será pago pelas importações. Isso, com os sinais de melhoria nos números fiscais, ajudará a motivar os investidores externos. (Denise Neumann e Márcia de Chiara)

SETOR
TÊXTIL
SERÁ
BENEFICIADO